



Nova Atena
Saber e Bem-Estar



Desafiando o fio da escrita

Mês de Dezembro de 2023

Nova Atena



Desfiando o fio da escrita

ÍNDICE		
AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
Carlos Baptista	Árvore de Natal	2
Faustino Vital	As bocas e os sorrisos	3
Faustino Vital	Neste Natal	4
Fernando Baptista	Borboleta é um ser misterioso	5
Fernando Baptista	Conto do homem ao homem	6
Francisco Lourenço	“Meter uma cunha”	7
Francisco Lourenço	O que é o Natal para ti?	8
Isabel Pernes	Escolho o silêncio para falar de...	9
Isabel Pernes	A morte na guerra principia na descida do moço pela escadaria	10
Isabel Pernes	Borboleta é um ser misterioso	11
Isabel Pernes	Nuvens correndo num rio	12
Jerónimo Pamplona	É necessário amar	13
Jerónimo Pamplona	Ninguém me roubará algumas coisas	14
Luísa Machado Rodrigues	Há dias felizes	15
Maria de Lourdes Santos	Magia de Natal	16
Maria Silveira	Oríon	17
Mitú Branco	Cansada	18
Mitú Branco	Desculpa	19
Mitú Branco	O sapatinho na chaminé	20
Pilar Encarnação	Mercadinhos de Natal	21
Regina Ferreira	Natais	22
Vítor Carvalho	Cântico de Natal	23
Vítor Carvalho	Conto espelho da Nação Miraflores	24
Vítor Carvalho	O Natal falou	25



Desfiando o fio da escrita

Árvore de Natal

A
luz
e o brilho
dos enfeites
da árvore de Natal
iluminaram a esperança
e os meus sonhos de criança
e a crença num mundo sem igual.

O tempo passou e a esperança foi morrendo
e o sonho foi-se dissolvendo na realidade nua e brutal,
nas guerras, nas misérias, nas avarezas deste mundo horrendo.

A árvore, o brilho e a luzes são iguais, mas nos meus olhos
já cansados, na minha alma já descrente só se reflete a lembrança
da alegria efusante, e de como eu era feliz nos tempos da minha infância.

Carlos Baptista



Desfiando o fio da escrita

As bocas e os sorrisos

Neste mundo

Em que tudo se paga

Há um clarão de esperança

Ainda se enxergam

Faces risonhas e

Sorrisos aprazíveis,

Bonitos e gratuitos.

Há os que riem pela frente

Outros fazem-no por trás

Uns troçam por maldade

Alguns troçam por vaidade

Se não tivessem dentes

Não o fariam de verdade,

Pois é difícil descobrir

Quem o faz só por bondade.

Mas, temos o da Mona Lisa

Do Da Vinci de outro século

Meio sorriso e enigmático

Descolorido, triste e cinzento,

Ainda o bem aberto e sensual

Da loura do Warhol: a Marilyn,

Estão em pinturas, cartazes

Não são eles que queremos, contudo,

Pois estes andam pela boca do mundo.

Nós desejamos o sorriso franco

O sorriso de quem está contente

Daqueles que são sinceros, abertos e,

Que duram eternamente.

Faustino Vital



Desfiando o fio da escrita

Neste Natal

Nesta linda época em que as famílias se juntam
Neste tempo em que os laços se estreitam
Quando tudo é maravilhoso e brilha
Quem dera que tudo esteja bem
Agora em que o frio já aperta
E o sol já pouco desperta
Chegou o Inverno
Vai ficar
O calor vai embora
Saindo pelas lareiras altas
Some-se, fumo branco que vai
No azul puro de um céu já límpido
Há gente que bem treme de fome e frio
Tantas são as razões que eu não entendo
Invocadas por quem não tem remorsos ou coração
Sentimentos ocultos que não vejo ou sinto
Perdem-se vidas que não voltarão
Pessoas e amigos que se vão
Se sumiram da nossa visão
São sim fumo que se foi
Diluído nos tempos
Escoados assim
Ficando nada
Sós

Faustino Vital



Desfiando o fio da escrita

Borboleta é um ser misterioso

Montei lumes desta vida curta, regateio minha vida adulta porque quero mentir sem magoar ternuras, como outrora, nos tempos do belindre, do salto ao eixo, do pião de rua, do pé na bola, nesse espaço urbano e comovido em que todos íamos a correr no jogo da apanhada em volta das ruas do nosso bairro. Era como um cântico de clamor, uma ladainha tudo dentro do preço do tempo. Ensinei-me o terror das noites solitárias, mergulhei meus apelos em lamentos débeis, proclamei o socorro na dobra dos meses e fui um viajero tímido e humilde no calcetado das ruas silentes, em muros debruados com flores de muitas cores.

Amanhã será um belo dia e todos os dias serão belos, porque difíceis e rudes, e haverá cachos de acácias em árvores que não-de ser ainda plantadas e florescer, e “a grande dor das coisas que passaram” transformar-se-á num berro do presente, num murmúrio da distância, num remoto ciclo do passado.

Aconteceu-nos tudo que tinha de nos acontecer. Criámos raízes e memórias, e o nosso atrito com as pessoas. A injúria dos nossos actos, foi o preço pelo qual pagámos o ofício de estar vivos. Novamente aprendemos. Aprendemos a repetir os mesmos solenes erros; magoamo-nos e fomos magoando, rubras flores emurcheçeram nas polpas dos nossos dedos egoístas; caprichamo-nos numa austeridade fácil e existimos dúplices.

O rio está virado e a chuva cai a cântaros. É um dia repetitivo, sem remanso, sulcado de pequenos trechos de amargura, de minúsculas teias de angústia, a que se sucedem novos caminhos de esperança e de luz. Percorri com humildade o meu caminho diário, desempenhei com aplicação as tarefas que me foram destinadas, olhos ardidos por letras lidas e escritas; pergunto-me da utilidade ou inutilidade de tudo o que li e escrevi.

Há um poema com as suas rimas perfeitas, com o esquema sem esquema personificado, como preguiça que dorme à toa e ondas que se engalfinham. São formulações claras, próprias de mente infantil, carinhosas e ao mesmo tempo anedóticas. É um poema que afasta a angústia, o tédio e reafirma as cores fortes das flores, os seus odores, a beleza da borboleta que sobre elas poisou. Fechou as asas de espanto pela cor e pelo perfume, tomou das flores um punhado de pólen. Agradeceu abrindo as asas e nelas reviu as cores do arco-íris.

É isso! O arco-íris! Se os homens assim desejassem seria o modo de unir, de cor e de amor uma ponta à outra da ternura, e do abraço amigo entre todas as nações, entre todas as crianças e entre todos os homens. A borboleta parecia adivinhar estes meus pensamentos, e batia as asas de multicores, talvez esperando o sinal que lhe daria o privilégio de efectuar esse trajecto percorrendo todas as cores do arco-íris.

A “onda baixa” por onde comecei o dia de chuva a cântaros, altera-se agora com estes pensamentos. Porquê? Talvez porque esqueci por momentos a beleza das cores e o clarear de cada dia. Afinal aquela borboleta conseguiu de novo fazer meus olhos sorrir. Raio das borboletas! São mesmo um ser de misteriosos nadas!

Fernando Baptista



Desfiando o fio da escrita

Do homem ao homem

Por vezes o seu olhar vogava, não se perdia: vogava para outros lugares. Respeitava-lhe a evasão momentânea. Sabia que naqueles intervalos, viajava para outros rostos, outros falares. Um dia disse-me: Fazem-me falta o Alves, o Carlos, o Hildeberto. Ergueu a cabeça cheia de cabelos brancos e soltos. Sorriu e murmurou: Conheci-os a todos nos dias da faculdade.

- Quem são? Perguntei.

Eram, como eu, rapazes ávidos de conhecer. Gostava de os ouvir discretear sobre as coisas do mundo e o mundo das coisas. Sou hoje um pouco do que com eles aprendi. Eram probos, escrupulosos, vigilantes, que defendiam a integridade moral com uma veemência impositiva.

Com eles aprendi os tempos de silêncio e de regozijo: a farsa, a tragédia, o drama e a comédia subjacentes a uma arte onde o fulgor das imagens vive do esplendor de um singular edifício verbal.

Percorro num abraço à distância palavras, murmúrios suaves ou gestos inacabados numa doçura de tempo que já foi.

- De novo o seu olhar vogava para outros lugares. Avô sei tão pouco desses teus dias! Fala-me deles!

Embarcamos, cada um em seu dia, a caminho de África e da injustiça da guerra.

Senti que nos dividiam para que pudéssemos encontrar por aquelas terras novas tertúlias, outros companheiros com quem conversar da mudança desejada! Depressa descobri que mais não eramos que ratos urbanos fazendo uma espécie de terramoto em toda a área.

Ele está em fanicos! Ele está em fanicos! A repetição da frase era como que uma advertência dramática soltada em sistema de aviso à navegação. Quatro voltaram com dois de regresso a toda a pressa! Vamos! Vamos! Pode ser que se safem!

O enfermeiro sabia que tenho sangue O-, e por isso pediu-me o braço para fazer uma transfusão braço a braço. Já chamamos o heli, disse!


Era uma quinta-feira, não disse ainda que os ratos eram ratos metafísicos: atacaram com imperdoável gula os ratos estrangeiros que por ali apareceram.

Quando o hélio chegou, levaram a maca onde o rapaz da transfusão dormia. Com ele foram descendo pela escadaria na esperança vã de chegar a tempo. Todos sabíamos que a morte na guerra é sempre uma descida.

Bebi demais nesse fecho da tarde. Tomei conhaque. Aquele rato hoje não tomara precauções.

- O avô calou-se. Puxou-me contra o seu peito e disse: Amor, a luz da rua traz consigo o esplendor e o mistério de todos os dias, e beijou-me ternamente na testa.

Fernando Baptista



Desfiando o fio da escrita

“Meter uma cunha”

“ Alguém que pede um favor a uma pessoa influente, para resolver um assunto do seu interesse”

Casos motivos e justificações:

Para a filha entrar em medicina

Não meti cunha, fiz um pedido!

Para tirar a carta de condução

Não meti cunha, pedi um jeito!

Para o filho passar de ano

Não meti cunha, pedi um empurrão!

Para subir no emprego

Não meti cunha, fiz recomendação!

Para tratar das gémeas brasileiras

Não meti cunha, usei o amigão!

Assim vai este país, com cunha ou pistolão

Há os que se aproveitam, muito bem da situação!

Outros na lista de espera, ninguém lhes estende a mão!

Uma cunha para fazer o bem, tem alguma aceitação

Diz a Igreja no seu sermão!

Uma cunha para fazer o mal, essa não se aceita não.

Francisco Lourenço



Desfiando o fio da escrita

O que é o Natal para ti?

O meu Amor me perguntou: “o que é o Natal para Ti?”

Eu pensei, pensei, pensei, e então lhe respondi:

Natal é a Terra onde Nasci, Natal é o Dia em que Te Vi!

Natal é haver Paz no Mundo, Natal é quando uma Criança Sorri

Natal é ter casa para habitar, Natal é ter comida Sobre a Mesa

Natal é ter Escola para Estudar, Natal é sonhar, é Construir Certeza

Natal é da Saúde poder Tratar, Natal é Saber Ser e Caminhar

Natal é as contas Poder Pagar, Natal é ao Teu Lado Bem Estar!


Natal é Viver em Harmonia, em Família Saborear a Consoada

Viver Afetos com Alegria e sentir Calor em noite gelada.

Natal é Saber Ter e Dividir, Natal é Saber Amar sem Restringir

Natal é Não Perder a Utopia, da Paz, do Amor e da Sabedoria!

Francisco Lourenço



Desfiando o fio da escrita

Escolho o silêncio para falar de.....

A mulher saiu pela porta traseira da casa com o seu companheiro habitual, um labrador preto Ônix de seu nome.

Todos os dias de há uns anos a esta parte quer seja inverno, aí por volta das 17 horas, com o seu casaco grosso e os seus ténis, quer seja verão saia rodada e blusa ou t-shirt de manga curta e os seus habituais ténis, mais para o pôr do sol, ela fazia este trajecto, internando-se no pequeno bosque existente na traseira da casa.

Ônix pela passada da sua dona conhecia-lhe os pensamentos, onde iam e sabia que na volta um pouco mais recomposta viria com passada diferente, mas não completamente feliz.

Dois seres unos que iam à procura do silêncio, sim porque os pássaros, os rastejantes e todos os outros sons são silêncio delicioso. Basta que deixem ouvir as conversas dentro da sua cabeça. E elas eram tantas. Muitas vezes ia à infância onde com um esforço enorme dos pais e dela, pois fora excelente aluna, bolsreira e com uma carreira brilhante à sua espera.

Aos 28 anos tinha uma licenciatura e dois mestrados, tinha dado aulas na faculdade e já tinha um excelente trabalho à espera.

Depois, depois dera-lhe um “vipe”, apaixonou-se, pelo que julgou ser um sonho de homem. Nos quatro anos seguintes vieram quatro filhos e decidiu ficar em casa.

Apesar de adorar os filhos e ter sido um prazer vê-los crescer, medrar, estudar e dois já terem saído de casa, cedo descobriu que o homem de sonho era tudo menos isso. Desinteressado, mandrião (menos no trabalho), não muito culto, traidor, manhoso e fisicamente inábil.

Aguentou até poder e pôs um fim àquilo. Ficou sozinha apesar de ter quatro filhos para conversar. Enquanto pequenos manteve-se na cidade, depois há uns anos tinha mudado para aquela casinha que dava para todos, mas cujo interesse dos filhos era nulo. Os dois mais novos estavam desejosos de bater asa e nenhum dos quatro mostrava grande interesse na vida da mãe. Ela tinha feito a sua obrigação segundo diziam. Tinha falhado.

A casinha era suficiente perto da cidade, mas ao mesmo tempo longe, o que lhe dava uma certa paz consigo própria, mas cada vez mais de conseguir.

Naquele dia sentou-se no tronco habitual. Ônix subiu o tronco e deitou a cabeça no seu colo. Habitual. Continuava no meio do silêncio exterior a falar, sem mexer os lábios, conversas que se cruzavam umas com as outras, atrapalhando-se e sem ajudarem numa solução (que não existia). Por vezes pedia opinião ao seu amigo que a olhava com os olhos cheios de amor, mas a dizer “se tu não sabes, como saberei eu”. Quando os miúdos já estavam todos na escola tinha concorrido a um part-time na faculdade, que com o tempo era full-time e era lá que passava o tempo mais satisfatório. A satisfação não era completa.

Os jovens, aí os jovens, os filhos, aí os filhos.

Levantou-se, para retornar, os filhos deveriam estar a chegar e a sua conversa não tinha acabado, teria de ficar para amanhã com desesperanças, recordações boas e más.

A sua passada dizia a Ônix que a sua companheira estava mais leve, algumas coisas tinham sido faladas.

A conversa tinha sido proveitosa no silêncio precioso.

Isabel Pernes



Desfiando o fio da escrita

A morte na guerra principia na descida de moço pela escadaria

Anos 20. Manuel e João, dois irmãos, três anos de diferença, descalços (Manuel de dez anos já trabalhava e acabou de fazer o exame da 4ª classe, com uns sapatos emprestados pois não o deixaram entrar na escola descalço), roupa limpa, bem cozida (ai se chegassem a casa rotos), vinham pela escadaria do Senhor do Pranto aos toques numa bola de trapos que tinham andado a juntar durante muito tempo, pois naquele tempo nem os trapos se deitavam fora.

Vinham aos toques na bola degrau a degrau e quem falhasse lavava um calduço do irmão. Os toques eram cada vez mais difíceis para a bola fugir ao outro.


Quem começou não se sabe, mas estalou a guerra habitual entre eles, pois amigos amigos, jogos à parte e uma última afirmação mútua antes de se separarem:

- Desejo-te a morte!

À noite já apaziguados já não se lembravam, nem das palavras nem do jogo.

Assim fossem todas as guerras.

Isabel Pernes



Desfiando o fio da escrita

Borboleta é um ser de misteriosos nadas

Era uma menina, um campo de flores e erva linda a perder de vista. Vários bichinhos de todas as cores e espécies proliferavam por ali.

Havia borboletas aos milhares de todas as cores, umas mais atraentes que outras.

Duas das mais vulgares entabularam conversa quando ao longe, borboletas azuis brilhantes e majestosas. Como não existiam ali cuscas e também invejosas da sua beleza tentaram meter conversa para ver se encontravam um ponto fraco que lhes desse prazer.

- Então não são daqui, de onde vêm?

- Das montanhas mais altas que possam imaginar onde a neve é branquinha e a sua beleza quando o sol brilha é de fazer doer os olhos, pela intensidade e na primavera a erva e as flores têm cores mais vivas, e as borboletas são azuis brilhantes para se distinguirem na sua cor. Mas disse ela, estas borboletas brilhantes têm o mesmo ciclo de vida igual ao das outras.

Neste momento, a menina “voltou à terra” e lembrou-se que tinha uma caixa de sapatos cheia de ovos pequeninhos que no ano anterior tinha sido da irmã.

Correu a buscá-los e propôs-se a tomar conta deles durante o processo.

Primeiro impaciente, teve de esperar que os ovos eclodissem e deles saíssem minúsculas lagartas, quase todas pretas e brancas a que chamavam bichos-da-seda.

A irmã lembrou-lhe que teria de os alimentar com folhas de amoreira, o que ela fez imediatamente.

Os bichos cresceram e uma manhã viu a um canto uns fios amarelos meio tecidos por um bicho que se fechava dentro de um casulo. Nos dias seguintes os outros fizeram o mesmo e ela ficou sem bichos, mas tinha casulos amarelos, mas os casulos também se abriram e de lá saíram umas borboletas (feinhas por sinal), mas a menina estava extasiada. Mas ainda não tinha acabado as borboletas começaram a pôr ovos minúsculos e tudo recomeçaria na próxima primavera assim a menina quisesse.

Era o tal ciclo de vida de que falou a borboleta azul, lembrou-se, misterioso feito de pequenos nadas como quase todos os ciclos de vida que começa no nascimento e acaba na morte.

Muitas vezes esconde-se das crianças que a vida humana começa igualmente no nascimento e acaba no desaparecimento, quando a explicação está tão simples numa caixa de sapatos.

Isabel Pernes



Desfiando o fio da escrita

Nuvens correndo num rio

Quem sabe onde vão parar

A Menina está a passear deitada numa nuvem.

Ela é linda, branquinha com laivos azuis, ou melhor com laivos das cores do arco-íris.

A Menina não sabe como foi lá parar, mas também não importa. Deitada de costas com as mãozitas debaixo da cabeça cheia de caracóis, vê o azul do céu e o sol como nunca tinha visto. Tudo é novo como se nunca tivessem existido.

De repente muda de posição e espreita para baixo. Arrepiada pensa, como vou alto, mas mesmo assim consegue ver casas, árvores, rios serpenteando, montanhas, nunca pensou que fossem tão altas. Se esticasse a mão tocava-lhes, mas pensando melhor e se se desequilibrasse, ficou quieta, mares, ondas grandes, lindas, praias, tanta coisa.

Depois de espreitar deitou-se outra vez a pensar onde iria parar e fechando os olhos disse para si vive, sonha vai para onde fores nalgum sítio hás-de parar e acima de tudo sê feliz.

De repente a nuvem ganhou grande velocidade descendo. Agarrou-se bem. Por esta não esperava, mas gozou o momento. Mas não tinham parado as surpresas e, do mesmo modo que ganhou velocidade também abrandou e desceu suavemente, desceu e quase sem sentir tocou no rio prateado e a Menina acordou.

Isabel Pernes



Desafiando o fio da escrita

“É necessário amar, qualquer coisa ou alguém”

Obras de Arte Seleccionadas e Comentadas por Zankyou:

O BEIJO – Gustav Klimt (1862 – 1918)

«A obra retrata a intimidade. O mundo do casal é apenas deles. Uma intimidade que não se revela e fica por debaixo dos lençóis, o que torna a pintura intensamente erótica»

Beijos filiais: beijos de pedidos, de agradecimento.

Beijos maternos: beijos de carinho, de consentimento.

Beijos conjugais: beijos de ternura, sensuais, calientes.

O ABRAÇO DE AMOR – Frida Khalo (1907 – 1954)

«A artista retrata, nesta obra, vários elementos que derivam da cultura mexicana e de seus sentimentos mais íntimos. Diego, seu parceiro, toma a forma de bebê, de quem Frida cuida e segura com um abraço amoroso».

Abraços apertadinhos dão conforto.

Quanto mais apertados forem, mais alívio dão.

Abraços são encontro de dois corações encantados.

OS AMANTES – René Margritte (1898 – 1967)

«Aqui, não faltam interpretações: a impossibilidade de amar sem o contacto físico; a metáfora de um amor proibido e apaixonado, mas incompleto; o distanciamento dos amantes».

Não, hoje não estou disponível.

Nem hoje, nem amanhã, nem nunca.


Esse espaço, está ocupado pela minha amada!

NA CAMA, O BEIJO – Toulouse-Lautrec (1864 – 1901)

«Este quadro fascinante, descrito pelo autor como “resumo sexual” representa duas mulheres nos seus preliminares. Este beijo cheio de simbolismo, revela uma ternura que atravessa a tela e, de uma forma sedutora, nos invade»

O beijo na cama pode levar a dois destinos:

- De despedida, de ternura, dorme bem, até amanhã.
- De incendiar o desejo sexual, é tempo de beijos sensuais.



Desfiando o fio da escrita

Ninguém me roubará algumas coisas


Quantas vidas cabem numa vida? São várias, vão desde a infância até à velhice. Para aqueles que têm uma vida longa, eu diria que, quase, todas as coisas podem ser roubadas, nomeadamente na fase mais avançada da vida. Sim, há quatro “ladrões” que podem contrariar o tema. O primeiro, chama-se Alzheimer. Esta é uma doença para a qual ainda não há cura e na fase mais avançada, o doente não sabe quem é, onde está e quem está ao seu redor no convívio da casa que sempre foi sua. É terrível, o seu *EU* foi roubado! O segundo ladrão chama-se “*Carcinoma*” quer roubar a vida dos hospedeiros em que ele se instala. Digo quer, porque a percentagem de cura nalguns deles ainda é muito baixa. O terceiro ladrão chama-se “*doença aguda*” e pode manifestar-se através do enfarte do miocárdio e do AVC. Qualquer deles se for grave, a forma como se manifestam, e o INEM não chegar a tempo podem deixar sequelas graves para o resto da vida nos doentes que sobreviverem. O quarto ladrão chama-se doença crónica que nos rouba o convívio social devido a problemas de mobilidade, dietas rigorosas, controlo da micção e incontinência fecal. Já basta de falarmos de doenças. Falemos de pessoas saudáveis.

Estas pessoas são proprietárias de bens materiais e imateriais. Vamos fazer a sua classificação:

- Bens materiais – são aqueles que possuem corpo, formas palpáveis, matéria. Podem ser uma casa, uma quinta, uma gruta, um quadro e roupa. Estes bens podem ser roubados por ladrões profissionais, ou não, que se apropriam, ilegalmente do bem.
- Bens imateriais – É tudo aquilo em que o intelecto teve preponderância na sua criação, estando dependente dos saberes e modos de fazer. Exemplo: danças, músicas, literatura, culinária, rituais, festas e feiras. Aqui o roubo também pode acontecer, mas, como o bem é plagiado e o plágio é crime, torna-se fácil fazer a prova para retomar a sua posse.

Finalmente, há coisas que ninguém me pode roubar enquanto eu mantiver a minha sanidade mental: o meu pensamento cultural, político e religioso, a minha honestidade, a frontalidade e a alegria de viver no seio da minha família.

Jerónimo Pamplona



Desfiando o fio da escrita

Há dias Felizes

Dezembro, dia oito, feriado, dia Santo, dia de celebração da consagração de Portugal a Nossa Senhora da Conceição, fruto do histórico gesto de gratidão do rei D. João IV pelo sucesso da Guerra da Restauração que pôs fim aos 60 anos (1580-1640) de primado da Coroa de Espanha como reinante do nosso país.

Atualmente a guerra é outra, é a seca severa que grassa território fora, em particular no Sul, a qual nos deixa ambivalentes. Por um lado, pela gravidade da situação, a falta de água e suas consequências. Por outro, pelo gáudio perante o tempo radioso, soalheiro e de céu totalmente azul, numa quinta-feira com nada de outonal, antes como se de estio fosse e que convidou a um fim de semana prolongado.

Destino? Algarve. À chegada, uma breve pausa para me instalar. Porém, de olhos postos na rua, inquieta para dar uma volta e desejosa de saborear tão maravilhoso tempo, um bem para uma escapadela como esta e, mais relevante ainda por ser a primeira após recolhimento nos últimos meses devido a proble

Hora de passear, bairro sem vivalma, até que me cruzo com uma senhora, vinda do outro lado do arruamento, boa figura, talvez na casa dos cinquenta e que, sorridente, exclamou: - Vai enganada, é na direção de onde vem! Retorqui: Não vou não, moro aqui, conheço a zona, vou lá baixo até à praia. Acrescentou ela: Peço desculpa, como vou para a igreja que costuma estar fechada e abre hoje, dá para a visitar e vale a pena... desculpe ter falado, hoje em dia as pessoas já não se falam, dantes falávamos uns com os outros e, como a senhora ia com ar tão feliz, apeteceu-me meter-me consigo...

Risos, situação esclarecida, curta conversa de circunstância, despedimo-nos e prosseguimos caminho em sentidos contrários. Muito aquele encontro acidental com uma desconhecida me fez refletir enquanto seguia. Isto das pessoas nas suas comunidades já não comunicarem entre si tem que se lhe diga! E, isso do meu ar feliz de que não tinha consciência face ao atual período de preocupação... Que belo contributo o de uma mera transeunte ao consciencializar-me do efeito daquele passeio a pé e da expectativa duma ida à praia!

E fui. Pé descalço na areia, andar para trás e para diante, ora na areia seca, ora na molhada, bem à beira-mar a sentir o afago das pequenas ondas.

Prazer e exercício de cerca de uma hora concluído, o regresso. De novo sem avistar vivalma, apenas a funcionária do minimercado no percurso. Nele adquiri uns produtos frescos e, contas feitas na Caixa, a empregada exclamou de repente: - Que giro, um dia feliz para a senhora! Uma conta de 23,23 € exatos! Dizem que dão sorte os números iguais...

Luísa Machado Rodrigues



Desfiando o fio da escrita

Magia de Natal

Era Dezembro, o Natal a aproximar-se e já algumas reservas bem escondidas aguardavam a celebração muito desejada pelas maninhas que acreditavam que os presentes eram oferecidos pelo Menino Jesus. No meu Alentejo, Dezembro era mês de frio rigoroso, as estações do ano ainda eram bem definidas nas suas próprias características, contudo, aconteciam raras exceções!

Era domingo, exceccionalmente o sol resolveu surpreender-nos, e nós, felizes com a sua aparição inesperada, resolvemos festejar, almoçando no recanto soalheiro e acolhedor, na parte traseira no exterior da nossa casa.

Aí desfrutamos do delicioso cozido de grão, confeccionado pela mãe, e que hoje ainda me serve de referência, embora os ingredientes façam toda a diferença quer a nível dos enchidos, quer dos legumes e até da leguminosa!

Terminada a refeição, o pai levantou-se e pediu que permanecêssemos sentadas à mesa, assim como a mãe, porque ele voltaria brevemente.

Para nós tudo era normal pois estávamos habituadas a não falar durante a refeição com a boca cheia, mas terminada essa fase, ficávamos a conversar, sobretudo aos domingos e eram muito interessantes tais momentos onde aprendíamos muito.

Esperamos então com toda a naturalidade e, quando o pai regressou, apontou no sentido da porta do corredor que estava aberta para que o generoso sol desse domingo pudesse invadir com o seu calor, parte daquele espaço. Aí chegadas ficamos à esquerda do pai que sugeriu que olhássemos para o início do corredor que começava no sentido oposto, precisamente na porta de acesso à nossa casa. No chão estava uma caixa de bombons. Ficamos surpreendidas e entusiasmadas, sobretudo quando a caixa começou a deslocar-se na nossa direção. Foi o espanto total!!!

Como é que a caixa se deslocava por si própria? As exclamações sucediam-se...e ela, ora parava, ora deslizava, parecia querer brincar connosco! Decorridos quase 70 anos ela continua na minha memória tão viva como naquele maravilhoso domingo de sol em pleno mês de Dezembro. Foi uma experiência tão intensa que eternizou toda a magia que vivi naquele inesquecível domingo.

E a dúvida pairava no ar: como é que a caixa andava sozinha? Questionávamos, mas não havia respostas! Quando finalmente chegou mais perto de nós, sempre encostada ao lado direito do corredor, o pai ergueu-a do chão e voltámos à mesa, onde o sol continuava a guardar-nos aquecendo e iluminando o nosso espaço.

Então saboreamos os bombons, prolongamos o almoço como habitualmente acontecia e o pai explicou-nos a Magia. O Natal foi assim antecipado inesperadamente talvez porque o sol de inverno inspirou o momento e também porque ótimos chocolates comprados em Badajoz, que nesses tempos estava muito avançada na variedade e apresentação do seu mercado, já estavam na nossa casa aguardando a “entrega”. Sendo uma experiência inesquecível, só foi completa porque a imaginação foi usada para nos surpreender com amor. Como hoje continua a ser bom recordar Natais de simplicidade, mas de imenso fascínio e verdadeira alegria. Desejo de coração que todas as crianças destes tempos tão conturbados tenham Feliz Natal para um dia escreverem o seu conto pessoal, como presente recebido do Menino Jesus, que perdura nos seus corações.

Maria de Lourdes Santos



Desfiando o fio da escrita

Oríon

Lua nova, noite de breu
Contemplo o firmamento
Recuo à infância, à juventude
Em meu corpo vibra
Aquele profundo sentimento
Meditativo a olhar o céu
Revivo o ângulo de visão
Da casa paterna
Ao aperceber-me pela primeira vez
Ser o mesmo que o da minha casa moderna!

As estrelas não enganam
Notável pelo brilho das suas
Lá estava ela, Oríon
Uma das constelações de maior visibilidade
Inconfundível trapézio com as suas “Três Marias”
Em diagonal no seu interior
Tal a diagonal onde em meu ser se cruzam
Estórias de ontem, estórias do futuro de então
Agora transformado no hoje
Estórias de todas as dúvidas, de esperanças, de amor...

Maria Silveira



Desfiando o fio da escrita

D e s c u l p a

Desculpa

Desculpa as palavras amargas,

tristes , pesadas

que ontem te disse

Hoje o sol nasceu e

também nasceu para mim

O mar já é de novo azul

os teus braços são bem vindos

e as palavras que te quero dizer

é que o mundo sem ti não vale nada

e o teu lugar é dentro de mim

continua no meu coração

Mitú Branco



Desfiando o fio da escrita

C a n s a d a

Vou-me embora

Estou cansada

Já não quero beijos, abraços

Já não quero nada

Parto

Já fiz tanta coisa

Já chega

Estou cansada

Há muita alegria

Muito amor que poderia ainda vir

mas estou cansada

Os braços já não se levantam

para te acolher

Os olhos não se riem só de te ver

Olho em redor e já não quero nada

As árvores são cinzentas

O mar já não é azul

Quando falas já não ouço nada

O meu coração é só um músculo

E o dia é sempre crepúsculo

Mitú Branco



Desfiando o fio da escrita

O sapatinho na chaminé

De vagarinho. Pé ante pé fui espreitar a chaminé. Está tão bonita. Foi a Mãe quem a enfeitou com uns papéis lindos, coloridos, que comprou no merceiro.

O meu sapatinho e os dos meus irmãos continuam sem presentes.

O Menino Jesus ainda não chegou. Parece que Ele só vem quando os meninos estiverem todos a dormir. Ao pé dos sapatinhos está o santinho que me deu a tia Adelina e do qual eu gosto tanto. O Menino está deitado numas palhinhas. Sem um cobertor. Sem nada que o aqueça. Certamente a Nossa Senhora se o visse com frio teria pegado nele, tê-lo-ia apertado nos braços, dado um beijo. Os meus pés estão gelados. Estou descalça no chão da cozinha. Docemente a minha Mãe pega-me ao colo. Abraça-me.

Aconchega-me nos seus braços. Dá-me um beijo. A minha Mãe. Agora.

Mitú Branco



Desfiando o fio da escrita

Mercadinhos de Natal

Ruas engalanadas
Árvores iluminadas
Tendinhas a abarrotar de presentes
Mil lembranças pra comprar.
Janelas muito enfeitadas
Anjinhos por toda a parte
Lindas árvores de Natal .
Velhinhos de barbas brancas
Com seus barretes vermelhos,
E seus trenós carregados
Vão as renas a puxar.
Outros ocupam telhados
As varandas, as janelas,
Num frenesim de encantar.
Há presépios a brilhar
Há música natalícia
Tudo é luz, tudo é magia
Há alegria no ar.
E a multidão pressurosa
Vai percorrendo as tendinhas
Parando aqui e acolá
Adquirindo presentes
Saboreando iguarias
Trocando saudações
E votos de BOAS FESTAS.
FELIZ NATAL
FELIZ NAVIDAD
MERRY CHRISTMAS



Desfiando o fio da escrita

Natais

Tempo de Natal...
Já é quase inverno
As ruas luzem com as águas da chuva
O céu está coberto o vento agreste varre as folhas caídas
Há luzes à espreita nas janelas
são estrelas são sonhos guardados
são esperança de melhores dias

É o tempo de lembrar o nascimento do Menino
que trouxe esperança ao Homem desavindo em guerras pardas e pobreza
Projetam-se sonhos influenciados pelo calor da lareira
apertam-se laços familiares amizades regadas com abraços
e olhares de ternura preparando o coração vazio para a alegria
de um reencontro fraterno e amigo

Noutros natais já preparávamos uma grande festa
juntávamos a família
e na ceia cabiam todos os presentes e a lembrança daqueles
que nos tinham deixado
Era um tempo de celebração e aprendizagem para os mais novos

Neste Natal vou apanhar rosas bravas
para dar cor
e outro perfume ao presépio
Quero ouvir cantar os pastores e aprender a tocar flauta como eles
olhando o horizonte perdido na alvorada de cada dia
Quero tirar da manjedoura o Menino traze-lo ao colo para o dar de presente
à gente forte que sofre por não ter o pão de cada dia

O brilho das estrelas já entrou em casa e pendurou-se em cada ramo
na árvore dos sonhos
Fitas e bolas de mil cores brilham lembrando outros Natais luminosos
na dádiva do amor e da paz entre os homens de boa vontade
Natais que relembro tranquilos
A maior azáfama estava na cozinha
sonhos
bolinhos de jerimu aletria arroz-doce e os brinquedos no sapatinho

Natal de correria olhos fixos nas montras para apagar o desejo a tentação
Hoje é a solidão!

Maria Regina



Desfiando o fio da escrita

Cântico de Natal serrano

Pelos caminhos serranos vamos encontrar, nos tempos do chamado Estado Novo, uma aldeia com trinta e duas pessoas, uma mercearia/taberna, uma única escola primária e duas professoras para ensinarem um total de treze crianças. Para se lá chegar a partir da estrada nacional, havia apenas um caminho de carro de bois atravessando as matas, contornando penedos, frequentemente enlameado no inverno. Não havia eletricidade na aldeia, que só chegou depois do 25 de Abril, o petróleo ou o carboneto eram a base da iluminação, utilizando candeeiros de vidro ou gasómetros, para além de velas de cera. Quando alguém morria, o caixão era transportado às costas pelos habitantes serra acima para o cemitério junto à igreja da sede da freguesia. Não havia apoio médico garantido, as pessoas recorriam à ajuda de alguém mais experiente, às vezes à presuntiva curandeira, para resolver pequenas maleitas. Em casos mais graves recorriam ao médico da sede do concelho, cortando caminho pelo meio das matas, de dia ou pela noite escura, correndo riscos de enfrentarem lobos e javalis.

Tinha nevado na véspera e a neve cobria penedos e matagais, dificultando a passagem pelos trilhos habituais. Justiniano da Silva vivia naquela aldeia desde que nascera e ali se casara com Mafalda Moreira dois anos antes. A esposa estava para ter o primeiro filho por alturas do Natal. Mas uma semana antes começou a sentir dificuldades e temia que o parto iria ser difícil. Uma vizinha entendia que deveriam chamar um médico e o marido assim fez.

Acompanhado pelo Justiniano, pela noite escura, o médico levou o seu Renault 4L até onde pôde, daí até a casa a viagem foi feita por caminhos improvisados, saltando pedras, correndo o risco de queda naquela escuridão.

Utilizando ferros, o esforçado médico deu por terminado o parto com sucesso – mãe e filho estavam bem. Pediu nova água e toalha para limpar as mãos. Deu uma vista de olhos pelo quarto, que era também sala de jantar. Naquele instante, passaram pela sua mente imagens de fome, miséria, carência de toda a ordem num casal em princípio de vida, vivendo apenas do amanhar de pequenas courelas e de algum serviço prestado a vizinhos ou agricultores de outras aldeias circundantes. “O que é aquilo que tem ali pendurado?”, perguntou o médico. “É um cavaquinho Senhor Doutor, aprendi a tocar quando fiz a tropa em Braga.” “Ora então, toque lá qualquer coisa, para celebrar o nascimento do seu filho”, solicitou o médico. E com imensa alegria, as mãos de lavrador do Justiniano vibraram com ritmo empolgante para tocar o seu Vira Milho. A criança chorava e o pai começou a cantar acompanhando-se ao cavaquinho. Um lar feliz.

“Quanto é que lhe devo Senhor Doutor?” “Não deve nada, está tudo pago com essa cantiguinha”, exclamou o médico. “Paga quando vier o segundo filho, tenham um Bom Natal e agora venha ajudar-me a saltar as pedras até ao carro”, acrescentou.

Chegou a casa já passava da uma da manhã. “Eu não poderia deixar morrer aquela jovem mulher e o filho, sem apoio não sobreviveriam; haja humanidade”, pensou.

Vítor Carvalho



Desafiando o fio da escrita

Espelho da nação



Tempo de Natal, tempo de reencontros. Combinaram almoçar no Restaurante “3 Barricas” perto da empresa onde tinham trabalhado, um como consultor, o outro como gestor, pertencente a um grupo farmacêutico. Outrora, havia na zona muitas bestas que serviam para tudo e para tudo tinham utilidade, daí o nome de besteiros. Não muito longe nasceu um senhor que usava botas de cavador e subiu no elevador social até aos mais altos patamares políticos, moldando um regime que tem nesta terra fotografada um espelho da nação.

Falaram de tudo, mas sobretudo daquela aldeia que ao virar da esquina para o restaurante chamou a atenção de Oceano, o consultor, pela curiosidade da placa. Porque chamariam “Cunha” àquela aldeia? Tristão, o gestor, natural da região, referiu que poderiam ir falar com o Presidente da Junta de Freguesia, seu amigo, que certamente explicaria tudo. E foram. E vem então uma descrição detalhada enquanto percorriam a pé as ruas da aldeia. “Esta moradia de vários andares é de um funcionário do município, ele não tem grande ordenado, mas é ele que define a cêrcea dos edifícios e tem muitos amigos da área da construção civil”, começou por dizer Bernardo Farelo, o autarca. E continuou: “Aquela acolá é de um funcionário das Finanças cuja esposa tem um gabinete de contabilidade. Ela faz a escrita das empresas e ele aconselha os seus gestores e cobra os impostos, normalmente bastante baixos. Vivem muito bem, têm vários prédios no Algarve e em Lisboa”. “Mas há aqui muitas casas abandonadas”, exclama Oceano, curioso. “As casas estão abandonadas, mas os seus donos vivem na cidade, onde têm bons empregos e vários prédios, são descendentes de gente muito apadrinhada pelo homem de Santa Comba, que levou para Lisboa muitas pessoas desta região, uns para seus seguranças, outros para servirem em São Bento. Dizem que um neto de um polícia que controlava a garrafeira de São Bento é muito parecido com o homem das botas”, ironizava Bernardo Farelo.

Chegaram ao centro da freguesia. Um palacete com um brasão de armas chamou a atenção de Oceano. “Há muitos monárquicos aqui?”, perguntou. “Não, os donos deste palacete venderam-no a um negociante de vinhos que enriqueceu vendendo vinho a martelo para as colónias. Dizem que o homem tinha tanto dinheiro que ninguém lhe dizia que não, agora, isto pertence aos netos, que vivem em Lisboa. Um deles está muito bem relacionado com o poder político”, salientou o cicerone. “Então, o nome desta terra já é muito antigo”, questionava Oceano com um travo de ironia. “É tão antigo que se presta a tudo: de madeira ou de ferro, basta um martelo bem apontado e tudo se endireita”, dizia cautelosamente Tristão. Oceano mostrou um pedaço das suas vivências dizendo: “Não pensem que nos outros países não há cunhas e martelos: em França chamam-lhe passe-droits, na Inglaterra brokerage, no Brasil jeitinho e nos EUA string-pulling. Em todo o lado, isto são reflexos da desigualdade na distribuição da riqueza, na redistribuição do saber e da informação – a miséria maior vem da falta de instrução. Compadrio, cunha ou corrupção existem em toda a parte”, rematou.

Vítor Carvalho



Desfiando o fio da escrita

O Natal falou

Nos pequenos centros urbanos, e em particular nas aldeias do Interior, assumem particular relevância as festas religiosas, sejam as festas dos santos padroeiros, ao longo do ano, sejam as mais marcantes como é o Natal e a Páscoa. As comissões religiosas e também os professores das escolas do ensino primário organizam-se para as festas, qual palco teatral ao vivo. Nas escolas, a festa do Natal é marcante, porque é a primeira representação para muitos alunos.

As festas incluem quermesses, rifas e outras ações para realizar dinheiro. Também pode haver venda de produtos da região, incluindo animais vivos, galinhas (ou pitas, nome antigo) e perus, em particular.

Aproximavam-se as férias de Natal. Havia apenas duas professoras naquela aldeia de Paul do Lobo, que decidiram fazer um presépio ao vivo, com os alunos e todo o tipo de materiais de uso diário na aldeia, o mais simples possível. Escolheram os alunos que nos ensaios mostraram mais aptidões para representarem no presépio, particularmente quanto às figuras principais.

Um aluno de oito anos, muito sereno, era assumido como surdo-mudo, pois que não falava, embora parecesse às professoras que ele ouvia e tinha reações de pessoa normal. Mas, uma médica que um dia passou por lá para ver um doente fez-lhe um teste e entendeu que era caso perdido, o Joaquim deveria ser internado numa instituição de apoio social a deficientes. A mãe recusou tal ideia, dizendo, irritada, que “então têm que levar os outros filhos, que eu não posso criá-los a todos e o Joaquim já me ajuda”. E o Joaquim ficou por ali, assumido como surdo-mudo. Falta de meios, falta de apoio, submissão e dependência de quem lhes dá algum sustento, leva muitas famílias a aceitarem como irreversível o que deveria ser testado por médicos especializados. A falta de instrução, a falta de conhecimentos, são também formas de pobreza.

No presépio, o Joaquim fazia o papel de São José. Deram-lhe uma bengala e uma galinha-anã, um garnisé, amarrada numa cesta de vime. Na cena natalícia, os alunos levavam presentes para o Menino Jesus, num ritual que as professoras ensaiaram durante duas semanas. Chegou o dia da representação. Joaquim tinha entendido na perfeição o seu papel. Tudo corria como fora ensaiado, e com agrado geral. Contudo, a certa altura da representação, o garnisé soltou-se da cesta e, numa reação impulsiva, o Joaquim saiu da cena e desatou a correr atrás do garnisé, que fugia dando grandes saltos. E, para espanto geral, ia gritando “pita, puta, pita, puta, pita, puta, pita, puta”! Toda a gente ficou sem palavras, sem saber o que dizer perante a confusão geral que se criou, com os outros elementos do presépio assustados, sem saber o que fazer. E foi então que alguém gritou: “Milagre, milagre, milagre!”, e toda a população presente o repetiu. Joaquim começou a falar e fez a instrução primária com sucesso. Injustamente esqueceram-se do garnisé, herói do momento, que voltou para o poleiro para pôr ovos, já que a carne é dura para comer...

Milagres de Natal!

Vítor Carvalho



Desfiando o fio da escrita

Nova Atena - Universidade Sénior de Linda-a-Velha
Coordenações e design gráfico - Midá Sá-Chaves